



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

A SOCIOLOGIA NO SÉCULO XIX: UMA INTRODUÇÃO SISTEMATIZADA SOBRE CONCEITOS
FUNDAMENTAIS DOS AUTORES CLÁSSICOS

BRUNO JOSÉ YASHINISHI¹

RESUMO: O presente artigo pretende elucidar o desenvolvimento da Sociologia no século XIX retomando conceitos fundamentais de três autores considerados clássicos do pensamento sociológico: Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. Para tanto, serão abordados os conceitos de “fato social” (Durkheim), “luta de classes” (Marx) e “ação social” (Weber). Tendo em vista a significativa contribuição desses autores e seus conceitos, esse artigo objetiva demonstrar a relevância destes para a consolidação da Sociologia enquanto área do conhecimento e de que maneira eles proporcionaram uma melhor compreensão das mudanças sociais oriundas dos processos de modernidade no século XIX. Além disso, o trabalho pode ser aplicado ao ensino introdutório de Sociologia, seja em cursos de formação geral na área ou no Ensino Médio, visto que se trata de uma exposição sistematizada e introdutória à disciplina.

Palavras-chave: Sociologia. Conceitos sociológicos. Clássicos da Sociologia.

1 Mestre em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Graduado em Filosofia pelo *Studium Theologicum* Claretiano de Curitiba. Graduado em Sociologia pela Universidade Paulista. Graduado em História pela Universidade Estadual do Norte do Paraná.

SOCIOLOGY IN THE XIX CENTURY: A SYSTEMATIZED INTRODUCTION ON FUNDAMENTAL CONCEPTS OF CLASSICAL AUTHORS

ABSTRACT: This article aims to elucidate the development of Sociology in the 19th century, taking up fundamental concepts from three authors considered classics of sociological thought: Émile Durkheim, Karl Marx and Max Weber. For that, the concepts of “social fact” (Durkheim), “class struggle” (Marx) and “social action” (Weber) will be addressed. In view of the significant contribution of these authors and their concepts, this article aims to demonstrate the relevance of these for the consolidation of Sociology as an area of knowledge and how they provided a better understanding of the social changes arising from the processes of modernity in the 19th century. In addition, the work can be applied to the introductory teaching of Sociology, whether in general training courses in the area or in High School, as it is a systematic and introductory exposition to the discipline.

Keywords: Sociology. Sociological concepts. Classics of Sociology.

INTRODUÇÃO

A Sociologia pode ser entendida como um “conjunto de conceitos, técnicas e de métodos de investigação produzidos para explicar a vida social” (MARTINS, 1982, p. 8). Seu desenvolvimento enquanto ciência é relativamente recente, pois teve seu início no século XIX, na França, com o filósofo positivista Auguste Comte (1798-1857).

É possível considerar que a Sociologia resulta e se vincula aos processos históricos ocorridos na Europa durante o século XVIII, particularmente à Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra a partir de 1760 e à Revolução Francesa, de 1789. Esses dois fatos históricos abalaram definitivamente as estruturas europeias, afetando de maneira irreversível as concepções e práticas da vida social, política, econômica e filosófica.

Nesse sentido, as transformações ocorridas no século XVIII foram decisivas para o surgimento do pensamento sociológico, afinal colocaram a sociedade como objeto de investigação científica, repleto de problemas e questões que deveriam ser investigadas. Foi justamente no século XIX, que a Sociologia “nasceu” e desenvolveu-se como uma área do conhecimento.

A partir de Comte, diversos teóricos contribuíram com o desenvolvimento do conhecimento sociológico. No entanto, três autores são considerados baluartes

e “clássicos” da Sociologia: Émile Durkheim (1858-1917)², Karl Marx (1818-1883)³ e Max Weber (1864-1920)⁴. Sobre esses teóricos, Josefa Alexandrina da Silva diz que:

A importância da compreensão das principais matrizes do pensamento social se deve à sua capacidade de explicar o mundo contemporâneo, ou seja, a atualidade dessas obras reside no fato de que elas não foram corroídas pelo tempo e são plenamente capazes de lançar luz à compreensão dos problemas sociais presentes no mundo atual (SILVA, 2011, p. 38-39).

Apesar de suas particularidades, assim como as outras ciências, a Sociologia desenvolveu-se através de autores e de seus conceitos. Regina Schöpke (2010, p. 62) considera que: “O conceito é, tanto quanto a ideia, uma estrutura ou unidade lógica e linguística cuja função é expressar ou designar alguma coisa”.

O uso de conceitos em Sociologia, relacionados com as teorias que os abrigam, permite pensar cientificamente sobre a sociedade indo além do senso comum ou de meras aparências.

Sendo assim, o presente artigo pretende elucidar o desenvolvimento da Sociologia no século XIX retomando alguns conceitos fundamentais desses três autores clássicos, abordando o “fato social”, de Durkheim, a “luta de classes”, de Marx, e a “ação social”, de Weber. Além disso, o trabalho pode ser aplicado ao ensino introdutório de Sociologia, seja em cursos de formação geral na área ou no Ensino Médio, visto que se trata de uma exposição sistematizada e introdutória à disciplina.

DURKHEIM E O FATO SOCIAL

O francês Emile Durkheim foi responsável pelo desenvolvimento da Sociologia enquanto disciplina acadêmica. Herdeiro intelectual do positivismo

2 Émile Durkheim nasceu em Epinal, na Alsácia em 1858 e estudou na Escola Normal Superior, em Paris. Faleceu na capital francesa em 1917 e teve como principais obras *Da divisão do trabalho social* (1893), *As regras do método sociológico* (1895), *O suicídio* (1897) e *As formas elementares da vida religiosa* (1912) (COSTA, 1997, p. 59).

3 Marx nasceu em Trier, na Prússia, em 1818. Foi um intelectual, revolucionário e fundador da doutrina comunista moderna. Atuou como economista, filósofo, historiador, teórico político e jornalista. Faleceu em Londres, em 1883. Suas obras mais importantes são *A ideologia alemã* (1845-1846), *A miséria da Filosofia* (1847), *O manifesto do partido comunista* (1848), *Para a crítica da economia política* (1859) e *O capital* (1867) (COSTA, 1997, p. 83).

4 Max Weber nasceu em Erfurt, em 1864 e faleceu em Munique em 1920. Sociólogo, cientista político, jurista e economista alemão, é considerado um dos autores mais relevantes da Sociologia pelo seu método compreensivo da análise social. Suas principais obras são *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1904-1905) e *Economia e sociedade* (1922) (COSTA, 1997, p. 72).

de Auguste Comte, Durkheim desenvolveu suas obras num período de grande crise na França, pois após a derrota na guerra franco-prussiana e o aniquilamento da Comuna de Paris, a sociedade francesa exigia uma reformulação em toda sua estrutura. Ao mesmo tempo, durante esse período, novos fatos contribuíram para o desenvolvimento técnico, científico e tecnológico fazendo com que as inovações e problemas da sociedade capitalista coexistissem no cotidiano dos franceses (MEKSENAS, 1994, p.62-63).

Ao investigar a diversidade dessas situações, Durkheim foi o precursor da análise funcionalista ou método comparativo, segundo a qual todos os eventos e fenômenos sociais possuem um significado coletivo e contribuem para o equilíbrio e coesão social. Essa análise recebeu influência do método comparativo, adaptação do método experimental das Ciências Naturais, mas adaptado à investigação da realidade social:

O método comparativo foi, por longo tempo, considerado como o método por excelência da Sociologia [...] Durkheim em *As Regras do Método Sociológico* expõe claramente a significação do método. Depois de afirmar que a explicação sociológica “consiste inteiramente no estabelecimento de ligações causais”, observa que a única forma de demonstrar um fenômeno e a causa de outro é examinar os casos nos quais os dois fenômenos estão simultaneamente presentes e com isso estabelecer se um depende do outro (BOTTOMORE, 1970, p. 52).

Assim como cada órgão do corpo humano possui uma função e está interligado a outros órgãos, o funcionalismo defende que todas as práticas e fenômenos sociais só existem porque têm função na sociedade. Durkheim salienta a importância e determinação da coletividade sob as consciências individuais, valoriza o conceito de “fato social” e tem como elemento fundamental de sua análise a integração social, que é referenciada por ele através do conceito de “solidariedade social”⁵.

Segundo Durkheim, seria tarefa da Sociologia ocupar-se com os fatos sociais, que por sua vez, são de natureza coletiva e se apresentam como exteriores e coercitivos aos indivíduos. Conforme o autor:

Se todos os corações vibram em uníssono, não é em consequência de uma concordância espontânea ou prestabelecida; é porque a mesma força está a orientá-los no mesmo sentido. Cada um é arrastado por todos. [...] O fato social é reconhecível pelo poder de coerção externa que exerce ou é suscetível de exercer sobre os indivíduos; e a presença desse poder é reconhecível, seja pela existência

5 O conceito de solidariedade, para Durkheim, diz respeito aos laços que unem cada indivíduo ao grupo. A solidariedade social é classificada pelo autor em dois tipos: mecânica ou orgânica, conforme os modelos econômicos e tecnológicos presentes em diferentes modelos sociais.

de alguma sanção determinada, seja pela resistência que o fato opõe a qualquer empreendimento individual que tenda a violentá-lo (DURKHEIM, 2002, p. 8).

Ao definir os fatos sociais como objetos de estudo da Sociologia, Durkheim apresentou três características que lhe são fundamentais: exterioridade, coercitividade e generalidade. Os fatos sociais são exteriores aos indivíduos, pois não foram criados por eles e não dependem de suas vontades. São coercitivos, pois enquadra o comportamento humano, atuando pela intimidação e induzindo as pessoas à aceitação de regras a despeito de seus anseios e opções pessoais. São gerais porque atingem um grande número de pessoas na sociedade (SILVA, 2011, p. 42).

Ao identificar o fato social, Durkheim procurou definir um método de conhecimento sociológico. Para ele, a explicação científica exige que o pesquisador mantenha neutralidade em relação aos fatos, resguardando a objetividade em suas análises (COSTA, 1997, p. 60). Além disso, Durkheim aconselhava o cientista a estudar os fatos sociais como coisas, ou seja, fenômenos que lhe são exteriores e podem ser observados e medidos de forma objetiva. De acordo com Raymond Aron:

A concepção de Sociologia de Durkheim se baseia em uma teoria do fato social. Seu objetivo é demonstrar que pode e deve existir uma sociologia objetiva e científica, conforme o modelo de outras ciências, tendo por objeto o fato social. Para que haja tal sociologia, duas coisas são necessárias: que seu objeto seja específico, distinguindo-se do objeto de outras ciências, e que possa ser observado e explicado de modo semelhante ao que acontece com os fatos observados e explicados pelas outras ciências (ARON, 2000, p. 325).

Mediante o conceito de fato social, Durkheim lançou as bases positivistas da Sociologia no século XIX propondo compreender os mecanismos pelos quais uma sociedade se organiza e torna-se coesa.

Dessa forma, o sistema sociológico de Durkheim é baseado em quatro princípios fundamentais: 1- a independência da Sociologia da Filosofia e das demais ciências; 2- os fenômenos coletivos são formadores da realidade social; 3- cada fenômeno social deve ser explicado por causas que o antecederam; 4- Todos os fatos sociais são exteriores aos indivíduos, formando determinada realidade (OLIVEIRA, 2002, p. 13).

MARX E A LUTA DE CLASSES

A análise dialética é própria do materialismo histórico e dialético, corrente do método sociológico e histórico desenvolvida pelo alemão Karl Marx. Ao lado de

Friedrich Engels⁶, Marx elaborou seu arcabouço teórico num contexto de meados do século XIX, onde ocorreram grandes transformações no mundo ocidental, como por exemplo, o crescimento estrondoso da produção industrial e o aumento expressivo do número de trabalhadores industriais urbanos.

Em contrapartida do progresso econômico esses fenômenos trouxeram consequências como a precariedade da vida dos operários urbanos, a atenuação das desigualdades sociais, condições insalubres e desumanas no trabalho fabril e a organização de trabalhadores em sindicatos, associações e movimentos que reivindicavam melhores condições de vida (MEKSENAS, 1994).

Diante dessa realidade, Karl Marx desenvolveu um pensamento explicativo das condições políticas, sociais e materiais da sociedade apontando para a possibilidade de se intervir no processo histórico. A concepção materialista da História professada por Marx afirma que não são as ideias que provocam as mudanças na sociedade e nem os grandes vultos dos pensadores, mas sim, os fatores materiais ou econômicos.

Assim, pode-se afirmar que as infraestruturas ou causas materiais influenciam a superestrutura ou as ideias (MARX, 1974). Nesse sentido, como salienta Gueorgui Plekhânov, um fato material pode mudar a maneira de pensar de um indivíduo, bem como de toda a sociedade:

Para ele, não se tratava do fato incontestável que a sensação precede o pensamento, mas do fato que o homem é levado ao pensamento principalmente pelas sensações que experimenta no processo de sua ação sobre o mundo exterior. E como esta ação sobre o mundo exterior lhe é imposta pela luta pela existência, a teoria do conhecimento está em Marx, estreitamente ligada à sua concepção materialista da história (PLEKHÂNOV, 1978, p. 16).

Dessa forma, o pensador alemão contrapõe à análise idealista, aceita pela maioria dos filósofos na época, a análise materialista, que se baseia nos fatos materiais. Sendo assim, um fato material pode mudar a maneira de pensar de um indivíduo, bem como de toda a sociedade.

Um dos conceitos mais importantes da concepção materialista de Marx é o de “luta de classes”. Segundo ele, a história da humanidade seria constituída por uma permanente luta entre as classes dominantes e as subalternas, que consiste em um movimento dialético constante. Em sua obra *Manifesto do partido comunista* (2014), que elaborou em parceria com Engels, Marx afirma:

6 Friedrich Engels nasceu na cidade alemã de Barmen, no dia 28 de novembro de 1820. Foi um teórico e revolucionário. Junto com Karl Marx fundou o chamado socialismo científico ou marxismo, além de ser coautor de importantes obras como *Manifesto Comunista* e *O Capital*. Faleceu em Londres no dia 5 de agosto de 1895.

A história de todas as sociedades, até hoje, é a história da luta de classes.

Homem livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, mestres e companheiros, numa palavra, opressores e oprimidos, sempre estiveram em constante oposição uns com os outros, envolvidos em uma luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre ou com uma transformação revolucionária de toda a sociedade, ou com o declínio comum das classes em luta (MARX; ENGELS, 2014, p. 40).

Através da luta de classes é que se explica a evolução das relações de produção na sociedade. Para Marx e Engels, a história do homem é a história da luta de classes (COSTA, 1997, p. 86) e esse conceito ocupa um lugar central em várias obras históricas desses pensadores alemães, como por exemplo, *As guerras camponesas na Alemanha*, de 1850; *As lutas de classes na França*, de 1850; *O 18 brumário de Luís Bonaparte*, de 1852 e *A guerra civil na França*, de 1871 (LÖWY; DUMÉNIL; RENAULT, 2015, p. 80).

No caso do modo de produção capitalista, o confronto de classes se dá entre a burguesia e o proletariado, ou seja, o detentor do capital contra o produtor do capital que só vende sua força de trabalho. Essas duas classes sociais relacionam-se de modo a criar um conflito:

Estudando a lei da mais-valia, percebemos que os empresários exploram os trabalhadores, não lhes pagando tudo aquilo que produziram. Assim, ao receberem um salário baixo, os trabalhadores são condenados a se alimentarem mal, a se vestirem mal, a morar em péssimas condições e ter uma saúde deficiente. Para tentar mudar de vida, os trabalhadores organizam-se no bairro, nas escolas e fábricas, exigindo dos empresários, ou do Estado, o direito de uma vida digna [...] Como o empresário não quer perder seus privilégios surge daí um conflito social: Empresários lutando por mais lucro contra trabalhadores lutando por uma vida melhor. É o que Marx define por luta de classes (MEKSENAS, 1994, p. 80).

Sendo assim, o pensamento de Marx no século XIX ressaltou o papel da luta de classes na constituição da realidade e da história. Além disso, o marxismo denunciou que os mesmos mecanismos geradores de riqueza também originam a miséria e que, no capitalismo industrial moderno, os trabalhadores assalariados produzem mercadorias que se convertem em lucro para a burguesia, a classe detentora dos meios de produção.

WEBER E A AÇÃO SOCIAL

O sociólogo, historiador e jurista alemão Max Weber foi responsável por elaborar a análise sociológica compreensiva a partir da obra *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva* (1922).

A produção intelectual de Weber está fortemente ligada ao contexto histórico do processo da unificação da Alemanha, bem como sua industrialização tardia, o acordo entre os industriais e os latifundiários do país e a formação de uma burguesia estatal.

Para Weber, o fenômeno social é específico e requer um método particular de análise, diferente daquele das ciências naturais. O objetivo da Sociologia seria compreender o sentido que os atores sociais dão às suas ações valendo-se de uma metodologia que tome como modelo o “tipo ideal”⁷ já que, segundo ele, a ação humana tem intenção e sentidos próprios que devem ser analisados e compreendidos pela análise sociológica. Dessa maneira Cristina Costa observa que:

Diferentemente de Durkheim, Weber não valoriza a análise quantitativa dos fenômenos sociais, pois por mais que os acontecimentos possam ser quantificáveis, é o método de interpretação científica e a compreensão dos fatos que garantem a cientificidade das análises. Assumindo a subjetividade que guia o cientista, Weber aceita a parcialidade de toda e qualquer explicação científica (COSTA, 2010, p.53).

O indivíduo é o centro da análise weberiana, ao passo que é o único que pode definir intenções e finalidades para seus atos. Embora não tenha se dedicado ao estudo da divisão e organização do trabalho capitalista em si, Max Weber defendeu a tese de que a tarefa central dos sociólogos é compreender o que motiva as ações individuais. Em sua sociologia compreensiva, o objeto de investigação parte do conceito de “ação social”:

Por “ação” se designará toda a conduta humana cujos sujeitos vinculam a esta ação um sentido subjetivo. Tal comportamento pode ser mental ou exterior; poderá consistir de ação ou omissão no agir. O termo “ação social” será reservado à ação cuja intenção fomentada pelos indivíduos envolvidos se refere à conduta de outros, orientando-se de acordo com ela (WEBER, 2002, p. 11).

A ação social, objeto de estudo da sociologia compreensiva de Weber, pode ser definida como toda ação realizada pelos sujeitos, orientada para realização de fins específicos, tendo como referência as expectativas e os interesses dos outros em meio à dinâmica social. Nesse sentido, conforme Sebastião Vila Nova (2000, p. 80): “Só há, desse modo, ação social quando ela possui um significado atribuído pelos indivíduos e é orientada pelas ações alheias”.

Max Weber classificou quatro tipos de ação social: ação social racional com relação a fins, determinada pelo cálculo racional que coloca os fins e organiza os meios; ação social racional com relação a valores, determinada pela crença em

7 Tipo ideal: “É um instrumento de análise científica, numa construção do pensamento que permite conceituar fenômenos e formações sociais e identificar na realidade observada suas manifestações” (COSTA, 2010, p.53).

valores considerados importantes; ação social afetiva ou emocional, determinada por emoções e afetos; e ação social tradicional, determinada por hábitos ou costumes (SILVA, 2011, p. 55).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos conceitos revisitados nesse artigo pode-se inferir que as contribuições de Durkheim, Marx e Weber para a Sociologia foram fundamentais tanto para alicerçar os seus princípios científicos, quanto para constituir seu caráter de disciplina sobre o social no século XIX.

Emile Durkheim foi um dos maiores responsáveis por imprimir um caráter científico à Sociologia. Através do conceito de fato social, formulou alguns parâmetros lógicos à sua teoria ao conceber que os fatos sociais só podem ser explicados por outros fatos sociais, que os fatos sociais devem ser analisados como coisas e que o cientista deve abandonar seus preconceitos antes mesmo de empreender uma análise dos fatos sociais. Após a morte de Durkheim, seu projeto científico prolongou-se em várias direções por seus discípulos, com destaque para seu sobrinho Marcel Mauss (1872-1950) e Maurice Halbbwachs (1877-1945). (RIUTORT, 2008, p. 45).

A grande contribuição de Marx e Engels ao pensamento sociológico foi analisar os indivíduos conforme o contexto de suas situações e condições sociais. Para esses dois filósofos alemães, o ponto central da análise está nas relações que se estabelecem em uma determinada classe social e entre as diversas classes que compõem uma sociedade. Dessa forma, a chave interpretativa para se compreender a dinâmica social está na luta de classes, pois só é possível entender as relações entre os indivíduos com base nos antagonismos e contradições entre as classes sociais. O legado deixado por Marx abrange praticamente todos os campos das Ciências Sociais e também a Filosofia, com destaque a intelectuais e revolucionários como Vladimir Lênin (1870-1924), Rosa Luxemburgo (1871-1919), Antonio Gramsci (1891-1937), Georgy Luckás (1885-1971), Walter Benjamin (1892-1940), entre outros.

Max Weber contribuiu significativamente para a compreensão da ação dos indivíduos em sociedade, que atuam e vivenciam situações com determinadas intenções e motivações. Weber entendia que a Sociologia é uma ciência interpretativa das ações sociais e as explica causalmente em seus desenvolvimentos e efeitos. A obra desse autor é tão vasta que influenciou diversas vertentes da História, do Direito, da Política, da Economia e da Sociologia. Além disso, a contribuição weberiana se estendeu aos campos da religião, pelas questões burocráticas do Estado e pelas questões metodológicas das Ciências Humanas. Alguns importantes teóricos que foram fortemente influenciados por Weber foram, por exemplo, Raymond Boudon

(1934-2013), François Bourricaud (1922-1991), Pierre Bourdieu (1930-2002) e Jean-Claude Chamboredon (1938-2002) (RIUTORT, 2008, p. 68).

REFERÊNCIAS

ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOTTOMORE, Thomas Burton. *Introdução à Sociologia*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François. *Dicionário crítico de Sociologia*. Trad. Maria Leticia Guedes Alcoforado e Durval Ártico. São Paulo: Ática, 2001.

COSTA, Cristina. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 1997.

DURKHEIM, Emile. *As regras do método sociológico*. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

LÖWY, Michael; DUMÉNIL, Gérard; RENAULT, Emmanuel. *100 palavras do marxismo*. Trad. Juliana Caetano da Cunha. São Paulo: Cortez, 2015.

MARTINS, Carlos B. *O que é Sociologia*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MEKSENAS, Paulo. *Sociologia*. São Paulo: Cortez, 1994.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Ática, 2002.

RIUTORT, Philippe. *Compêndio de Sociologia*. Trad. Márcio Anatole de Sousa Romeiro. São Paulo: Paulus, 2008.

SCHÖPKE, Regina. *Dicionário filosófico*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SILVA, Josefa Alexandrina da. *Ciências Sociais*. São Paulo: Editora Sol, 2011.

VILA NOVA, Sebastião. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Atlas, 2000.

WEBER, Max. *Conceitos básicos de Sociologia*. São Paulo: Centauro, 2002.